

Fidelidade, o drama do Planalto

Os grupos de pressão na Câmara devem continuar sendo o principal problema para o presidente Fernando Henrique Cardoso conseguir a aprovação da fidelidade partidária, um dos principais pontos da reforma política em estudo nas cúpulas dos partidos aliados ao Presidente. Funcionando como verdadeiros partidos informais, eles passam por cima da orientação partidária e negociam diretamente suas demandas com o Poder Executivo.

Ruralistas, evangélicos, sindicalistas, médicos e empresários aumentaram a representação na Câmara, mesmo com o índice de renovação 45% menor que nas eleições anteriores. O aumento não foi apenas quantitativo, mas, principalmente, na força que os novos representantes passarão a ter: chegam este ano à Câmara as lideranças destes grupos de pressão que, na legislatura passada, preferiam fazer lobby pelos corredores da Casa.

Em São Paulo, por exemplo, pela primeira vez em quatro décadas um presidente da Fiesp estará no Congresso: Carlos Eduardo Moreira Ferreira

EVOLUÇÃO DOS PARTIDOS NA CÂMARA

	Eleição de 94	Setembro de 98	Eleição de 98(*)
PFL	89	110	107
PSDB	63	95	99
PMDB	107	88	80
PPB	85	76	58 (PP+PPR)
PT	50	50	58
PTB	32	23	33
PDT	34	23	24
PSB	15	14	19
PL	13	10	12
PCdoB	10	9	7
PPS	3	7	3
Outros	9	8	12

*Projeção incluindo resultados parciais do Pará, único estado onde a apuração não acabou, até o final da tarde desta sexta-feira

(PFL). Liderando outra corrente do empresariado, o deputado Êmerson Kapaz (PSDB) representará o Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE).

Ainda na bancada paulista, o líder da Força Sindical, deputado Luiz Antônio Medeiros (PFL), estará do lado do ex-presidente da CUT, o deputado reeleito Jair Meneguelli (PT), e do presidente do Sindicato dos Bancários, o deputado Ricardo Berzoini (PT).

Bancadas

Enquanto o empresariado rural avesso à reforma agrária será representado pelo deputado Ronaldo Caiado (PFL-GO), as modernas correntes do mesmo setor falarão por Francisco Graziano (PSDB-SP), ex-presidente do Inbra. A bancada ruralista terá ainda o reforço do ex-ministro da Agricultura e ex-governador do Rio Grande do Sul, Synval Guazzelli (PMDB).

A bancada evangélica terá a correlação de forças mudada.

Hoje minoritária entre os deputados protestantes, a Igreja Universal do Reino de Deus tornou-se a principal denominação dos deputados deste grupo de pressão. Só no Rio de Janeiro, a Universal elegeu quatro dos sete evangélicos: o coordenador político da Igreja, Carlos Rodrigues (PFL), Valdeci Paiva (PSDB) e os reeleitos Aldir Cabral (PFL) e Jorge Wilson (PMDB). Os três que não fazem parte da Universal são Éber Silva (PDT), Arolde de Oliveira (PFL), e Francisco Silva (PPB). A Universal elegeu mais três deputados em São Paulo, um em Minas Gerais, um no Espírito Santo, um no Rio Grande do Sul, um na Bahia e um no Ceará, totalizando 12 deputados, o dobro do que dispõe hoje.

A chamada "bancada da Saúde", que reúne profissionais da área médica, deve manter a representação atual. Com exceção do deputado Sérgio Arouca (PPS-RJ) e do deputado José Pinotti (PSB-SP), os líderes desta corrente conseguiram se reeleger: Jofran Frejat (PPB-DF), Agnelo Queiroz (PCdoB-DF), Jandira Feghali (PCdoB-RJ), Alexandre Cardoso (PSB-RJ) e Eduardo Jorge (PT-SP).